

# O poder da colaboração e dos dados

Estratégias para enfrentar o problema da violência precisam contemplar diferentes áreas e atingir o maior número de mulheres



**Mafoane Odara Poli Santos**

2 de junho de 2020

A violência contra as mulheres e meninas não é um fenômeno novo, muito menos limitado ao momento da pandemia da Covid-19. Os índices dessa pandemia silenciosa já eram alarmantes no Brasil e no mundo.

Os impactos do isolamento social só amplificaram os problemas que já existiam: falta de compreensão sobre os tipos de violências que as mulheres sofrem; desconfiança das mulheres nos serviços de atendimento; falta de preparação para um atendimento acolhedor para mulheres e crianças; falta de trabalho com os homens; e a disseminação de ideias que fazem com que boa parte das pessoas responsabilize a vítima pela violência que ela sofreu, perpetue a ideia de que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher (mete sim!)” ou ainda entenda que violência é problema de polícia.

Toda e qualquer estratégia para enfrentar o problema complexo da violência tem que levar em consideração que as soluções precisam contemplar diferentes áreas, serem coordenadas entre si e terem como premissa atingir o maior número de mulheres considerando os diferentes determinantes sociais (gênero, raça, classe, religião, local de residência). Isso aumenta a possibilidade de que tenham suporte que necessitam e que sejam compreendidas, apoiadas e tratadas com justiça quando procurarem ajuda ou relatarem abusos.

Para orientar essa atuação, os dados são muito importantes, eles contribuem para que governos, empresas e sociedade civil possam abreviar o tempo de resposta e assim evitar mais mortes e violências contra as mulheres e meninas.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública, de forma inédita, tem produzido uma série mensal com o intuito de compreender o impacto das medidas de isolamento social na vida de mulheres em situação de violência doméstica [1]. A 2ª edição do estudo analisa a evolução de quatro variáveis: 1) registros de boletim de ocorrência decorrente de violência contra as mulheres; 2) Medidas protetivas de urgência (MPU) concedidas pelos Tribunais de Justiça; 3) Denúncias no Ligue 180; e, 4) Ocorrências de violência doméstica e sexual atendidas pela Polícia Militar por meio do 190.

Analisando o relatório chama a atenção que os dados mostram três tendências de comportamentos entre os estados analisados e que também foram observados em outras partes do mundo:

- A violência doméstica com as mulheres tem crescido durante a pandemia;
- As mulheres parecem estar denunciando menos, mas os casos que chegaram até a Polícia foram consideravelmente mais violentos;
- As soluções tecnológicas têm sido importantes no enfrentamento às violências;
- Os países que tiveram mais sucesso no enfrentamento às violências foram aqueles que determinaram um conjunto de ações que respondesse às necessidades das mulheres de forma mais completa.

A seguir destaco os principais dados apresentados no estudo e como eles podem contribuir para as próximas respostas às violências.

## Violência contra as mulheres em dados

Os dados dos boletins de ocorrência de feminicídios, lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica, estupro e estupro de vulnerável e ameaça foram coletados em 12 estados brasileiros: Acre, Amapá, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Os registros dos boletins de lesão corporal em decorrência da violência doméstica indicam redução da violência de gênero - a redução média para março e abril de 2020 em relação ao mesmo período de 2019 foi de 25,5%. Nos registros de estupro e estupro de vulnerável nas delegacias de polícia, a queda foi de 28,2% nos registros. Ambas as estatísticas são preocupantes porque indicam, no primeiro caso, a dificuldade de denunciar, mesmo com os boletins de ocorrência eletrônicos. E também apontam para

um agravamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, já que além da subnotificação em torno de 93%, as crianças não estão frequentando a escola, local em que muitas vezes essas violências são percebidas pelos professores e outros profissionais da educação.

Por outro lado, os números de feminicídios e homicídios femininos apresentaram crescimento, indicando que a violência doméstica e familiar está em ascensão e mais intensa. O aumento dos casos no período entre março e abril foi de 22,2%, saltando de 117 vítimas em março/abril de 2019 para 143 vítimas em março/abril de 2020.

Os registros do 190 vão na mesma direção, indicando aumento dos atendimentos relativos à violência doméstica. Sobre os dados do 190, o estudo destaca que, infelizmente, as polícias militares de vários Estados ainda registram casos de violência doméstica sob a nomenclatura “desinteligência”, geralmente utilizada para classificar episódios que entendem não serem problemas de polícia, mas que acabam acionadas a intervir, tal como som alto (perturbação do sossego) e “brigas de marido e mulher”.

Sobre as medidas protetivas de urgência, mecanismos legais para proteger mulheres que correm risco de vida, de acordo com os dados disponibilizados pelos Tribunais de Justiça de cada estado, o número de concessões apresentou queda de, respectivamente, 31,2% no Acre, 8,2% no Pará, 14,4% em São Paulo e 28,7% no Rio de Janeiro.

Analisando esses dados, vale destacar que, embora as mulheres parecem estar denunciando menos, os casos que chegaram até a polícia foram consideravelmente mais violentos. O estudo mostra que os aumentos dos casos de feminicídios, do número de medidas protetivas descumpridas comparativamente antes e depois da pandemia e o crescimento das denúncias no Ligue 180 podem corroborar com essa hipótese.

### O poder da colaboração

A partir dessa breve análise, conhecer os dados pode não só abreviar a resposta quanto aprimorar os esforços de prevenção às violências e proteção às mulheres no Brasil, incentivando uma resposta mais coordenada e centrada naquelas que estão em situação de violência.

Um exemplo de colaboração é o Programa Você não está sozinha[2], um plano de ações coordenadas e lideradas pelo Instituto Avon, em parceria com mais de 30 instituições da iniciativa privada, sociedade civil e setor público, com o objetivo de mitigar os impactos do isolamento na vida de mulheres e meninas por meio da prestação de serviços essenciais para a mulheres e meninas em situação de violência. A iniciativa propõe uma estratégia de enfrentamento às violências contra as mulheres baseada na pirâmide de Maslow (necessidades básicas, emocionais e autorrealização) e que funciona em quatro pilares: invocação nas formas de pedir ajuda, articulação com quem pode oferecer apoio para cada necessidade, colaboração entre os atores (ações coordenadas entre si) e recursos adequados às necessidades.

Trabalhar coletivamente faz parte do processo de coibir todas as formas de violência contra as mulheres e meninas. É papel de todos e todas nós construir iniciativas em que o resultado se reflita em uma nação mais segura para todas, todos e todes

[1] Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19* – ed. 2. Maio/2020. Acessado em: 01 de junho de 2020

[2] Para saber mais acesse: <http://bit.ly/sozinhasnao>

### Mafoane Odara Poli Santos

Psicóloga, mestre em Psicologia Social, professora de Direitos Humanos e Gerente do Instituto Avon

---

[https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-nj8ik](https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-nj8ik)

